

Lendas do São Francisco¹

João Pedro Ramalho MARTINS²

Marília Durães de SOUZA³

Rodolfo Rodrigo da SILVA⁴

Tarcilla Santos FÉLIX⁵

Anaelson Leandro de SOUSA⁶

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

O Rio São Francisco é um componente importante não só da paisagem da região do Baixo Médio São Francisco, em Juazeiro (BA) e Petrolina (PE), mas também da sua cultura. Há uma grande riqueza de histórias ligadas a ele; muitas pertencentes ao arcabouço lendário. O programa especial de rádio “Lendas do São Francisco”, desenvolvido por estudantes do curso de Jornalismo em Multimeios, do campus III da Uneb em Juazeiro (BA), busca estimular a atenção do público para essas histórias, através do seu registro, bem como alertar sobre a importância em preservá-las, como forma de conservação e reconhecimento da história do próprio povo ribeirinho. Desse modo, escolhemos como formato o programa especial, por ser um formato flexível, em que variadas expressões artísticas se combinam, ampliando a abordagem do jornalismo para assuntos não factuais, como as lendas.

PALAVRAS-CHAVE: Baixo Médio São Francisco; lendas; programa especial; radiojornalismo.

1. INTRODUÇÃO

O rádio é um meio de comunicação tradicional e popular em todo o mundo. Seu alcance é notório, e a diversidade de usos também. Assim como os outros meios, atualmente ele ocupa uma posição central na sociedade como uma fonte de entretenimento, de informação, de construção de imaginários coletivos, contribuindo para a formação de identidades nacionais, de época ou de gerações (MATA apud KROTH, 2010).

Nesse sentido, o rádio é importante no processo de construção da realidade social. Ele funciona “como um lugar de apontamento de sentido, de estabelecimento de formas

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Rádio, Tv e Internet, modalidade Programa laboratorial de rádio (avulso ou seriado).

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA, email: joaoprimalhom@gmail.com

³ Estudante do 4º. Semestre do Curso Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA, email: mariliaduradesousa@gmail.com

⁴ Estudante do 4º. Semestre do Curso Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA, email: rrodrigossilva12@outlook.com

⁵ Estudante do 4º. Semestre do Curso Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA, email: tarcilla.felix@gmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo em Multimeios, UNEB/DCH III, Juazeiro, BA email: anlsouza@uneb.br

interativas, de criação e compartilhamento de representações, de (re) interpretação de experiências, de vinculação [...]” (ANTUNES; VAZ, apud KROTH, 2010, p. 146). É preciso destacar, no entanto, que, como seu alcance não se restringe a um determinado local, sua atuação na sociedade é mais ampla. De acordo com McLeish (2001, p. 16,17), “o rádio pode juntar os que se encontram separados pela geografia ou nacionalidade”, e, com isso, “ajuda a diminuir outras distâncias de cultura, aprendizado ou *status*”.

O rádio, então, ao buscar estabelecer a interação com a sociedade, pode se apropriar das narrativas que caracterizam o cotidiano de seus receptores. De acordo com Roland Barthes, as narrativas

podem ser sustentadas pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias. Está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia e na conversação. Além disso, sob estas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos e lugares, em todas as sociedades e, frequentemente, estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes. (apud KROTH, 2010, p. 149).

Com isso, o conteúdo veiculado por esse meio de comunicação pode assumir as mais variadas formas, não precisando se ater necessariamente ao factual, mas, preferencialmente, buscando a identificação cultural com os receptores. O rádio é um meio interessante para se valer dessas narrativas, justamente por causa de sua capacidade de estimular a imaginação. Chantler e Harris (1998, p.21) o consideram o melhor meio para exercer esse estímulo, pois “o ouvinte é sempre levado a imaginar o que ouve e o que está sendo descrito”, e “as imagens são emocionais”, não se limitando ao tamanho de uma tela, como ocorre na televisão.

Além disso, o rádio cumpre uma função educativa. McLeish (2001, p. 19) destaca que ele serve “para veicular qualquer assunto que possa ser discutido, conduzindo o ouvinte, num ritmo predeterminado, para um conjunto de informações”. Esses assuntos, inclusive, podem ultrapassar os limites do que é de conhecimento do ouvinte, ou ampliar para um âmbito conceitual algo que, para os receptores, é apenas banal.

O programa especial, então, é um gênero radiofônico ideal para se trazer as narrativas que vão além do que é considerado verdadeiro ou que faz parte da realidade, e para tratá-las sob diferentes vieses, como o educativo. Faz-se necessário, porém, diferenciá-lo do documentário, uma vez que os dois gêneros são muitas vezes tidos como sinônimos. De acordo com McLeish (2001, p. 191), enquanto o documentário é inteiramente construído

com base em fatos e evidências documentadas, tendo o objetivo de informar por meio de um relato honesto e equilibrado, o programa especial “não precisa ser totalmente verdadeiro no sentido factual, podendo incluir canções folclóricas, poesia ou uma peça radiofônica de ficção”, e sua forma é “bastante livre, geralmente enfatizando qualidades humanas, estados emocionais ou atmosferas mais indefiníveis”.

Sem restrições formais, o programa especial aglutina as diversas formas possíveis que compõem a produção de rádio e a cultura de um povo – pode incluir da música à poesia, do fantástico ao maravilhoso. Suas técnicas de produção são semelhantes às do documentário, porém suas funções são diversas, e podem ser informativas, educativas ou puramente de entretenimento (MCLEISH, 2001). Essa tática de lançar mão de tantos recursos é enfatizada por Chantler e Harris (1998) como uma grande vantagem da duração mais longa que o especial possui – ele pode veicular uma maior diversidade de opiniões, e possui mais espaço para o estímulo da criatividade dos produtores.

Segundo McLeish (2001, p. 197), mesmo quando todo o material apresentado é “autêntico e factualmente correto, a força do especial reside mais no impacto exercido na imaginação do que na veracidade intelectual”. Laurence Gilliam, também citada pelo autor (2001, p. 198), afirma que o especial “leva a mente indagadora, o ouvido alerta, o olho seletivo e o microfone a todos os cantos do mundo contemporâneo, ou ao recesso mais íntimo da experiência humana”. Por fim, é interessante reproduzir mais uma afirmação de McLeish (2001, p. 197). Para ele, foi “utilizando essa forma livre e altamente criativa [...] que se fez o que há de mais memorável no rádio”.

O programa “Lendas do São Francisco” é um produto experimental concebido como um especial de um único episódio, que aborda algumas das lendas que compõem o imaginário do povo ribeirinho que habita a região do Baixo Médio São Francisco, mais especificamente as cidades de Juazeiro e Petrolina. Além disso, o programa também aborda a questão dos mitos, elementos fundamentais na construção de uma sociedade. A intenção, portanto, é de construir um produto tanto voltado para o entretenimento, quanto para a educação, baseando-se em um dos aspectos que compõe a riqueza cultural da região – no caso, as lendas.

2. OBJETIVO

O objetivo inicial desse trabalho consistiu em construir um produto para a disciplina de Radiojornalismo I. Inicialmente, ele foi pensado como um documentário; porém, devido

às contribuições de McLeish (2001), teve seu formato moldado para o de um especial. Assim, buscamos produzir um programa atrativo, com a finalidade de mostrar a importância cultural das lendas e mitos regionais das cidades circunvizinhas de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, fortalecendo assim a cultura da oralidade nessa região, e fazendo com que as pessoas se conscientizem do seu papel social, mantendo mais fortes as tradições de nossos antepassados.

3. JUSTIFICATIVA

Considerado um dos rios mais importantes do Brasil e da América do Sul, o São Francisco, passa por cinco estados e 521 municípios. Sua importância, além de histórica, econômica e social, é também cultural. Segundo Santos (2001), a riqueza cultural das comunidades ribeirinhas foi conceituada uma das áreas mais importantes do trabalho de campo realizado durante a Expedição Engenheiro Halfeld, com registros de vários bens identificados como patrimônio oral e imaterial. Dentre esses legados, destacam-se as narrativas lendárias.

De acordo com o dicionário de Aurélio, lenda, é tradição popular, narração escrita ou oral, de caráter maravilhoso, na qual fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou poética; mentira. Assim como a lenda, o mito, entre outros significados, é uma narrativa dos tempos fabulosos ou heroicos, narrativa na qual aparecem seres e acontecimentos imaginários, que simbolizam forças da natureza, aspectos da vida humana; representação de fatos ou personagens reais, exagerada pela imaginação popular, pela tradição. Logo, o mito é uma tradição, que carrega consigo mensagens codificadas, que não se apresentam em sentido literal e que possuem conteúdo subliminar. “O mito esconde alguma coisa [...] O que ele afirma o faz, de toda evidência, com muita sutileza. O mito fala enviesado, fala bonito, fala poético. Fala sério sem ser direto e óbvio” (ROCHA, 1996).

Contudo, Aurélio também denota o mito como “mentira”. Para Rocha, este é um dos usos mais frequentes da palavra no cotidiano. E alerta: “Se, por aí, o mito está identificado com a mentira, evidentemente ele é o oposto da verdade. Quem fala o mito não fala a verdade”. Esta associação do mito à mentira vem se construindo desde o século XVI, com o Renascimento Cultural, quando a vida do homem deixa de ser centrada em Deus e passa a ter o próprio homem como centro. Depois, o Iluminismo (século XVIII) impulsiona esse conceito, pregando a razão como melhor caminho para se alcançar a liberdade, a autonomia

e a emancipação. Nesse momento o mito passa a ser visto como um vilão que aprisiona e causa medo. Era preciso se libertar dos medos e dos mitos. Liberdade para alguns, para homens dotados de razão, reconhecida cientificamente pelos detentores do conhecimento. Instaura-se uma nova forma de dominação. Conforme Adorno e Horkheimer, no sentido mais amplo do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre

o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber [...] Contudo, a credulidade, a aversão à dúvida, a temeridade no responder, o vangloriar-se com o saber, a timidez no contradizer, o agir por interesse, a preguiça nas investigações pessoais, o fetichismo verbal, o deter-se em conhecimentos parciais: isto e coisas semelhantes impediram um casamento feliz do entendimento humano com a natureza das coisas e o acasalaram, em vez disso, a conceitos vãos e experimentos erráticos (ADORNO e HORKHEIM, 1947).

Em vista disso, desenvolvemos um programa especial evidenciando, que apesar de todos os processos históricos, políticos e culturais, o mito funciona socialmente. “Existem bocas para dizê-lo e ouvidos para ouvi-lo. O mito está aí na vida social, na existência” (ROCHA, 1996). Para Chauí (2000), o mito organiza as relações sociais de forma a legitimar e determinar um sistema complexo de permissões e proibições. Por isso, uma sociedade não deve se sentir inferior por acreditar em mitos. Eles são fundamentais para a integração das pessoas com essa sociedade. Ademais, nossas lendas são importantes registros culturais, por meio das quais podemos conhecer a nossos antepassados, e consequentemente a nós mesmos.

Portanto, o “Lendas do São Francisco” foi desenvolvido tanto para aproximar a população ribeirinha (especialmente, juazeirense e petrolinense) das discussões que geralmente ficam restritas à academia, quanto para informá-la sobre a importância dos mitos e das lendas, contribuindo na formação de cidadãos conscientes do seu papel na preservação, reconhecimento e valorização de sua cultura, inclusive do nosso patrimônio oral e imaterial, a nossa memória lendária. Patrimônio esse que vem perdendo espaço entre as últimas gerações, nascidas sob forte influência da globalização, que atua no imaginário desses jovens, e estes acabam supervalorizando o que lhes é externo, o que vem de fora, e relegando o que é nacional e regional, a segundo e terceiro planos.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Encontra-se a seguir a descrição metodológica que foi utilizada na construção desse trabalho com o intuito de esclarecer os caminhos trilhados não só na colheita de dados como também nas gravações em estúdio. As informações obtidas, de acordo com o método estabelecido, pretendem dar sentido as crenças culturais desenvolvidas em todo o Vale do São Francisco, situado em Petrolina/PE e Juazeiro/BA.

O programa especial “Lendas do São Francisco” foi realizado em dezembro de 2014, a partir de uma sugestão para trabalho final da disciplina de Radiojornalismo I, componente curricular do curso Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios. Seu objetivo era aprimorar e instigar os sentidos na construção radiofônica, ampliando, portanto, nossa experiência com a linguagem de rádio.

O programa partiu da junção de dados das lendas e mitos regionais e de entrevistas com a população, desenvolvidas pelo grupo, e foi gravado no Laboratório de Rádio do campus III UNEB, em Juazeiro, com a supervisão do professor Anaelson Leandro. Logo após a gravação, o texto foi analisado tanto sob a qualidade de voz como sob a veracidade das informações, através de uma observação e análise dos dados textuais.

Com encontros em sala de aula e também virtuais, por meio do Facebook, o trabalho foi sendo realizado de forma organizada. Cada integrante conhecia o tema e ficava responsável por pesquisar dados. O roteiro foi produzido buscando se adequar à linguagem radiofônica, com frases curtas e em ordem direta, de modo a facilitar o entendimento do ouvinte. O roteiro foi organizado também em três partes, ou blocos, com temas diferentes. Essa divisão foi necessária uma vez que, por se tratar de um programa longo, havia a necessidade de dar descanso ao ouvinte, que não compreenderia todo o conteúdo se esse fosse passado em um único bloco.

Depois do roteiro feito realizamos as entrevistas com o público em geral. Em duas ocasiões, fomos às ruas de Petrolina e Juazeiro, e escolhemos pessoas para relatarmos o que sabiam e se acreditavam ou não nas lendas que íamos abordar. Usamos também a fala dos antropólogos e professores Odomaria Bandeira e João José, ambos do campus III da UNEB, para esclarecer a importância de se ter o mito como algo funcional na cultura.

Esse trabalho se caracteriza por ter um caráter esclarecedor para o ouvinte, tendo como principal objetivo a explicação e a aceitação do quão necessário é a presença do mito regional na cultura. Assim, o meio para a junção desses dados foi também a pesquisa

bibliográfica, tendo como base a autora Marilena Chauí e seu livro “Convite à filosofia”, (2004).

Além disso, o grupo escolheu músicas, que serviram tanto como *backgrounds* ou *BGs*, para introduzirem os blocos, quanto como cortinas, para realizarem a transição da narração para os momentos em que as lendas eram descritas, e assim prenderem a atenção do ouvinte. A ideia era conferir ao nosso trabalho uma identidade musical, e tornar o produto mais interessante e atrativo.

Sempre enfatizando o modo rádio de fazer conteúdo, esse projeto ajudou na criação e adaptação da nossa própria expressão vocal, mais que necessária nesse meio, sem muita preocupação ainda com ambiente, focando apenas na escrita e voz. No processo de gravação e edição foram obtidos conhecimentos sobre os recursos de um estúdio, tal como o uso do microfone quanto à criação e produção do programa. A edição não-linear, com a inserção das sonoras e dos BGs, foi realizada pela técnica de som, por meio do software “Sound Forge”. E, após algumas revisões do professor Anaelson Leandro, ficou pronto, então, o programa “Lendas do São Francisco”.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O programa “Lendas do São Francisco” tem uma duração de onze minutos, e aborda tanto a questão das lendas na região de Juazeiro e Petrolina, quanto a questão mais ampla da importância dos mitos na sociedade. Ele é organizado em três blocos. Cada bloco tem um tema diferente e é introduzido por uma música diferente. Vale ressaltar que, na escolha dessa músicas, foi levando em conta não só seu caráter regional, mas também a ligação com o tema dos mitos e lendas no São Francisco.

O primeiro bloco é introduzido pela música “Riacho do Navio”, de Luiz Gonzaga. Além de introduzir o ouvinte ao conteúdo principal do programa – as lendas –, o bloco também aborda os mitos: como eles surgiram, como funcionam e sua relevância para todas as sociedades.

O segundo bloco é introduzido pela música “A Ilha é do Povo”, da banda juazeirense Sódia Solta. Inicialmente, abordamos as lendas de um modo mais geral, explicando sua importância e diferenciando-as dos mitos. Depois, passamos à narração de algumas dessas lendas. Foram escolhidas as seguintes lendas: a Serpente da Ilha do Fogo, o Negro d’Água e a Iara. Um novo trecho da música “A Ilha é do Povo”, que fala de uma delas, é o indicativo da mudança de abordagem. A narração das lendas segue um padrão.

Primeiro, há o depoimento das pessoas entrevistadas nas ruas de Petrolina e Juazeiro, em que elas se identificam e afirmam sua crença nessas histórias ou a importância delas. Em seguida, uma música instrumental é utilizada como cortina, introduzindo a fala dos narradores sobre as lendas em questão.

A música “Iara Mãe-D’água”, de Milton Nascimento, introduz o terceiro bloco. Nessa última parte, são apresentados dois lados da existência dos mitos e das lendas na sociedade. Buscamos depoimentos daqueles que não acreditam nas histórias fantásticas e nas tradições mitológicas. Mas também procuramos explicar por que, apesar de tudo, essa faceta de nossa cultura permanece firme até hoje.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado final desse processo da construção do programa especial Lendas do São Francisco foi uma grande análise cultural e a desconstrução do ceticismo presente em alguns membros do grupo. E também a valorização do termo “lendas e mitos” com a colocação e explicação adequadas integrando a importância de tais no cotidiano regional.

Além disso, é comum que cidades diferentes tenham culturas próprias, com regionalidades bastante específicas. No entanto, conforme foi observado nesse trabalho, o Vale do São Francisco é diferente por apresentar uma maior similaridade entre as duas “cidades-irmãs”. A junção de Pernambuco e Bahia (Petrolina e Juazeiro), pelo rio, é a melhor forma de expressar a cultura de dois lugares com uma só visão. Tanto que buscamos entrevistar participantes das duas cidades, e as opiniões dessas pessoas se mostraram semelhantes, seja na crença quanto na descrença nessas lendas.

A participação da população discutindo a fé ou não nos mitos se concretiza, pois, como característica do exercício de cidadania. E é papel da mídia criar espaços para esses debates entre as opiniões diversas, acerca dos aspectos da cultura do povo a quem ela se dirige. O programa, ao construir esse espaço de debate, pretendeu ser um veículo não só de informação, mas de instigação à reflexão sobre essa cultura. Muito mais do que acreditar ou não nas histórias mitológicas que são contadas, é preciso valorizá-las como parte de nosso povo, e, por isso, não deixar que elas se percam em nosso tempo, e, conseqüentemente, no futuro das próximas gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. ; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos Filosóficos, 1947. Disponível em: <<https://onedrive.live.com/view.aspx?resid=71B7E7833E24C047!677&ithint=file%2c.pdf&app=WordPdf&authkey=!AHvSetao74ZLWdI>>. Acesso em: 17 mai. 2015.

CHANTLER, P.; HARRIS, S. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

KROTH, M. E. Contratos de leitura: narrativas do cotidiano como estratégia de captura da recepção no rádio. In: FERRARETTO, L. A.; KLÖCKNER L. (Org.). **E o rádio? : novos horizontes midiáticos** [recurso eletrônico]. Porto Alegre : Edipucrs, 2010. p. 142-156. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/eoradio.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2015.

MCLEISH, R. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

ROCHA, Everardo. **O que é mito?** São Paulo: Brasiliense, 1996.

SANTOS, M. **Expedição Engenheiro Halfed: Relatório de Pesquisa de Campo**. Belo Horizonte: Terrazul, dez. 2001. Disponível em: <<http://www.terrazul.org.br/Caminho1/RELATORIO2.pdf>> Acesso em: 17 mai.2015.